

Diminui o ritmo...

por Celso Pinto
de São Paulo

(Continuação da 1ª página)

de manufaturados, equivalente a US\$ 4,3 bilhões ou 4% do produto na indústria de transformação; e o aumento da renda agrícola, estimado em 9,5% neste caso (enquanto o produto deverá cair 0,1%). A soma desses fatores acabou impulsionando a demanda doméstica, mas de forma assimétrica, como foi dito.

O que alguns economistas questionam é se esses fatores poderão continuar impulsionando o crescimento nos próximos meses. Do lado externo, o Inpes projeta um sólido superávit comercial de US\$ 18,8 bilhões neste ano, com exportações de US\$ 34,1 bilhões. Mas o Boletim alerta que, apesar desse desempenho, muito ajudado pela excelente "performance" da economia internacional, acumulou-se um atraso cambial até agora de 13,9%, se utilizar-se o Índice de Preços por Atacado (IPA) da indústria de transformação como deflator. A valorização do dólar diante de outras moedas e a aceleração inflacionária interna são dois fatores que agravam ainda mais essa defasagem.

O próprio Inpes admite que o megassuperávit deste ano será uma razão forte o bastante para inibir qualquer iniciativa de correção dessa defasagem cambial. De todo modo, a vários economistas parece difícil imaginar que o Brasil possa repetir, em 1989, uma taxa de crescimento para as exportações de manufatu-

rados tão vigorosa quanto a deste ano.

Da mesma forma, economistas questionam a possibilidade de a renda agrícola crescer, no próximo ano, com tanta intensidade. A expressiva diferença entre o comportamento da produção física (o produto agrícola) e da renda neste ano se explica, especialmente, pela variação muito favorável de alguns preços. É a renda, naturalmente, que determina o impacto interno em termos de aumento da demanda.

Finalmente, tampouco há evidências de que possa haver algum processo mais acentuado de recuperação dos salários reais nos próximos meses, suficiente para funcionar como fator autônomo de expansão da demanda interna. Se o pacto social hoje em discussão der certo, será um inibidor de grandes aumentos; se der errado, os novos saltos inflacionários acabarão corroendo os salários.

Como a tudo isso se soma uma desaceleração dos investimentos produtivos — algo que não deverá reverter-se enquanto a inflação continuar tão elevada —, não parece haver boas razões para supor um crescimento industrial muito vigoroso no próximo ano. Provavelmente ele repetirá o desempenho medíocre do ano passado e deste ano. Em 1987, a indústria cresceu 0,2%; neste, o Inpes prevê que ela poderá cair 0,5%. O mais provável é que a indústria, apesar de pequenos ciclos de maior aceleração ou declínio, continue rodando em torno da estagnação.